Discussão de Pedro e Paulo
SOBRE OS VICIOS DO JOGO E EMBRIAGUEZ

DIREITOS RESERVADOS

Preço - - - $800

RODOLFO COUTINHO
LIVRARIA
ANTUNES & CIA., LTDA
Livreiros e Editores

DISCUSSÃO DOS VICIOS

Pedro—O peior vicio do mundo
E' o da pessoa que joga;
Porque estando a jogar
Desconhece até a sogra
Toda familia lhe roga,
Desobedece aos parentes;
Não é assim aguardente:
Quem mais bebe, é quem mais logra.

Paulo—O peior vicio do mundo
E' o vicio da cachaça;
Eu quero jogar mil vezes,
Não quero aquela desgraça
Pois, onde um bebarrão passa
Faz alaridos crueis
Formando tristes papeis
Pelas calçadas da praça.

Pedro—O peior vicio do mundo
E' o malvado do jogo
Pois, a pessoa que joga
Bota o dinheiro no fogo
Joga o genro com o sogro
Joga o filho com o pai,
E, carta vem, carta vai,
Tudo quer passar seu logro.

Paulo—O peior vicio do mundo
E' do homem embriagado
Que vive pelas bodegas
Quase nú, todo babado
De moleques rodeado;
Quando um grita, outro assobia:
Neste estado passa o dia...
Oh! que vicio desgraçado!

Pedro—O peior vicio do mundo
E' a cruel jogatina,
Que o homem perde a fortuna
Depois se queixa da sina,
Andando pelas esquinas
Pedindo a quem vai, quem vem
Inda seja um vintem
Para engraxar-lhe as botinas

Paulo—O peior vicio do mundo
E' da triste embriaguez,
Quem perde as botas no jogo
Pode inda acha-las outra vez
Pois o jogo não se fez
Só para perder dinheiro
Vemos muitos cachaceiros
Dando berros no xadrez.

Pedro—O peior vicio do mundo
E' quem joga o seu vintem:
Vai atraz de reforma-lo,
Em vez de um perde cem
Quem joga não é ninguem
Todo mundo dele cisma
Pois quem joga até a chrisma
E' bom que beba tambem

Paulo—O peior vicio do mundo
E' o do suco da cana;
Chega o ebrio á meia noite
Numa imprudencia tyrana
Suor de cana caiana,
De certo, não é folguedo;
A mulher vive com medo
Da cruel sussuarana.

Neste dia trabalhava
Nesta cacimba apoiado
Com 10 braços de fundura
Seus acessorios de lado
Sem esperar que seus dias
Estava p'ra ser liquidado

Quando menos esperava
A cacimba desabou
Naquele triste momento
Ele enterrado ficou
E neste dezabamento
Grande zuada estrondou

O povo de fora ouviram
Correram para o local
Viram que o pedreiro
Teve seu dia fatal
Comunicaram a policia
Como dever natural

E quem primeiro chegou
Foi o Corpo de Bombeiros
Logo providenciaram
Para arrancar o pedreiro
E o Sargento Brandinho
Foi o que entrou primeiro

A cacimba já estava
Fechada até o meio
A areia era tão frouxa
Que a cousa estava feia
Mas os soldados do fôgo
Entraram ali sem receio

Dizia assim o sargento
Vamos vêr se dar-se geito
Arrancar o pedreiro
Que do povo é tão aceito
Nisto cahiu tanta terra
Que cobriu-lhe até os peitos

Ele se vendo perdido
Gritou por seu comandante
Quase lhe faltando a fala
Já mudado de semblante
Foi dizendo me acuda
Que vou morrer neste instante

Com voz de quem estava morto
Disse ao Capitão Caminha
Eu morro porem entrego-lhe
Minha querida filhinha
Nisto cahiu-lhe mais terra
Porem subiu-lhe a vozinha

Todo Corpo de Bombeiro
Vendo aquela cenã triste
Dizia uns para os outros
Nem um mais deles existe
Na fundura que eles estão
Criatura não resiste

Já no fundo da cacimba
Estava o pobre pedreiro
E no meio mais ou menos
Estava o sargento bombeiro
O choro ali era tanto
Sem existir paradeiro

Quaze 2 mil pessoas
Se achavam ali presente
Vendo a scena horrosa
De repugnar a gente
Os bombeiros trabalhando
Banhados de lagrimas ardente

Trabalhando sem cessar
E sem ter contentamento
Arredor desta cacimba
Era triste o movimento
As 9 horas da noite
Foi que tiraram o sargento

Quando acharam o sargento
Com o corpo arouxiado
Dos peitos para a cabeça
Ja estava asfixiado
Devido o pezo da terra
Ser um peso macriado

Logo imediatamente
O corpo dele levaram
Para o Quartel dos Bombeiros
Aonde lá depositaram
E pelo resto da noite
Grande massa o visitaram

Fiçou aqui o sargento
O povo fazendo quarto
Vamos falar no pedreiro
Quando terra estava farto
Antes tivesse morrido
Antes da mãe dar-lhe o parto

Cento e tantas pessoas
Trabalharam a noite inteira
E entraram pelo dia
Era grande a ribanceira
Tudo carregando terra
Que parecia uma feira

As nove e meia do dia
Foi que puderam encontrar
O pobre infeliz pedreiro
E conseguiram tirar
Estava tão maltratado
Que faz pena se contar

Este tinha 6 filhinhos
Chamava-se João Antonio
Seu pessoal na presença
Estava tudo tristonho
Que de fato merecia
Que o caso era inrrizonio

Chorava sua mulher
Com os filhos coitadinhos
Vendo o marido morto
Daquela morte misquinha
Só não chorava o mais novo
Que sentimento não tinha

Depressa foi sepultado
O corpo deste pedreiro
Como tambem do sargento
Como já citei primeiro
Acabosse duas vidas
Nestes dias traiçoeiros

Pedro—Aguardente pelo cheiro
Onde ela passa não nega
Bebo ela todo o dia,
De modo que não me pega
Não é o jogo que sega
Tudo, afim de ganhar
Outro já quer desforrar
E assim vai . . . esta piéga.

Paulo—Ainda o homem perdendo
Toda fortuna que tem,
Estando no seu juizo,
Eu digo que perdeu bem
Um dia a sorte lhe vem
Desforra o seu prejuizo;
Enquanto ao ebrio é preciso
Retira-lo mais alem.

Pedro—È muito tarde senhores
Já ouvi dar uma hora,
Senhor Paulo, quer ficar, fique;
Desta vez eu saio fóra.
Vou *amolar minha espora*
Ali naquela barraca,
Bebo uma meia pataca
Pizo duro, vou-me embora.

Paulo—Não ha duvida, senhor Pedro
Deixemos p'ra outra vez
Agradeço ao senhor mestre
O grande favor que me fez
Convido, de hoje a um mez,
Para o fim da discussão,
Ou na casa da barão,
Ou do cura ou do marquez.

2834

(Poucos minutos depois,
Já iam todos na rua
Apreciando a beleza
Da linda noite de lua
Nada ha que me influa
Diziam: que um debate
Da casa do alfaiate
Cada um ganhou a sua.)

(Separando-se)

(Se reuniram de novo,
Depois de um mez e um dia,
Lá na casa do vigario
O cura da freguezia
Que teve tanta alegria,
Que preparou um banquete
Botou-os no gabinete
E começaram a porfia.)

Pedro—O jogo foi inventado
Quando se inventou a cruz,
Os judeus tirando a capa
Do inocente Jezus
Por teima, que se produz
Sobre a capa deitam sorte
Um deles ganhando o dote,
Veio assim o jogo á luz.

Paulo—Se o nascimento do jogo
Foi lembrança de um judeu,
Que ganhou a capa santa,
Quando Jezus faleceu:
Creio que o jogo nasceu
Sexta feira da Paixão;
Não pode ter maldição,
Quem principia por Deus.

2834

Não façam suas compras de folhetos, romances e orações antes de procurar a

Folheteria Santa Luzia do Norte

Enviamos pelo Correio qualquer quantidade de livros para qualquer Estado do Pais, desde que os pedidos venham acompanhados da respectiva importancia.

Grandes descontos aos revendedores.

Olegaria Pereira Neto

PROPRIETARIO

Rua Santa Clara, 60

JUAZEIRO — CEARÁ

«O Bancario»
Juazeiro — Ceará
1941